

Centenário de Rafael Duarte

CMP 2.1.9.68

Celso Maria de Mello Pupo

(Conclusão)

Lançando, agora, o nosso olhar para os tempos em que, nós mesmos, não contávamos mais de uma dezena de verdadeiras primaveras, podemos relembrar a primeira década do século: nestes dias, quem palmilhasse a rua Barreto Leme, partindo do Mercado para a matriz do Carmo, ao chegar à esquina da rua Regente Feijó, encontraria, à sua esquerda, uma grande casa fechada, com visíveis indícios de abandono, cerradas a sua porta e as numerosas janelas. Era casa assombrada, sem morador e sem uso, silenciosa pelo correr do dia, mas agitada à noite quando sombras desciam à sua frente e se deluíam ao aproximar de um passante; agitada com as vozes soturnas, ruídos de andar cadenciado de espectros que arrastavam suas correntes de suplicio e penitência; era a casa assombrada que afugentava os retardatários dos bares quando a cidade já se mergulhava no silêncio e no recolhimento de sua população pacata; era a casa assombrada, como jurava o povo.

Os velhos aristocratas, elegantes do século anterior, já não contavam igual história: a casa fechada, longe de ser assombrada, era um repositório de gloriosa crônica, tinha um passado honrosíssimo, regorgitava de gente da melhor sociedade; seus salões brilhantes marcaram a vida da cidade com saraus memoráveis, festas faustosas, de luxo, de elegância, de cultura, de arte, de primor e apuramento no maior bom gosto da época das grandes riquezas do café; era o legendário Clube Semanal do passado de Campinas.

Leopoldo Amaral, conta que o "edifício do Clube Semanal constava de um salão de danças e outros de menores proporções". "Seis lustres de iluminação a gaz derramavam deslumbrante claridade no salão". "As senhoras e as moças solteiras (não se usava ainda aqui o tratamento de senhorita) trajavam seda e veludo, reunindo os atrativos da elegância e da riqueza; vestidos ligeiramente decotados, de cinturas excessivamente finas, pelo espartilho, de longas caudas, tão longas que, para dançarem, as nossas conterrâneas as apanhavam, dobrando sobre o braço direito, com verdadeiro donaire; as jóias — ouro e brilhantes, faiscavam". "Largos leques, varetas de marfim, adornados de plumas de cores, ou de fina gaze de seda dourada", "eram brandamente agitados pelas mãos enluvasadas".

Inaugurado este clube em 1.º de janeiro de 1873, quando Rafael Duarte contava apenas seis anos de idade, viveu, cresceu, brilhou, para depois

se estagnar reduzido a uma casa assombrada. E foi Rafael Duarte quem o historiou, quem recriou seu reerguimento e, finalmente, quem o fez ressurgir jungido à Cultura Artística; e foi Rafael Duarte quem o conduziu a uma nova vida brilhante, nos seus festejos, nas suas reuniões dançantes, nos seus encontros literários, nas suas revelações da arte cênica com o entusiasmo, com a dedicação, com a persistência do "Seu Rafael"; centro de toda a movimentação seu animador, seu diretor e amparo.

Jornalista nato, nunca deixou o nosso home-nageado de colaborar na imprensa com os seus trabalhos excelentes. Quem teve a ventura de ler uma série de artigos seus sobre o quarto centenário da Companhia de Jesus, que é, como ele diz, "uma legião de genuínos intelectuais e de virtuosos varões, a que forma o grandioso cenáculo fundado e dirigido por Inácio de Loyola", deliciou-se na exposição clara, nas minúcias curiosas, em seu exercício vultoso de antigos alunos, na enumeração das casas espalhadas pelo nosso país.

Zeloso dos nossos valores, buscava e relembrava campineiros ilustres como Nicolina Vaz que ele biografou citando e catalogando suas maravilhosas obras de escultura. Encantado das belezas artísticas e culturais, elevou Bidú Saião, animou nossos conservatórios, e, com históricos como o do colégio São João do Lageado, fez reviver nas páginas do jornal, figuras ilustres de nossa vida como um Vigarinho, um Bento Quirino.

Um dos seus grandes trabalhos foi dar a Campinas o teatro municipal, o mais belo teatro do interior do Estado; sua construção custou-lhe luta árdua e profundos aborrecimentos que ele venceu por amor à sua terra. Quem não se encantava com aquela jóia de bom gosto que era o nosso teatro, todo adornado de ouro e circundado das elegantes frisas e camarotes, de harmonioso conjunto e suave disposição?

Ele mesmo deixou uma página descritiva de maior fulgor na vida do teatro, quando ali, em 1934, realizou-se o grande banquete e brilhante baile em homenagem ao preclaro brasileiro que foi Armando de Salles Oliveira. Deixemo-lo expressar-se nos encantos de sua pena:

"Campinas, mais uma vez, deu de si a expressão incontrastável de sua galhardia, probidade e nobreza, na recepção brilhante que, com um baile, no sumptuoso salão-platêia do Teatro Municipal, ofereceu a S. Excia. o dr. Armando de Salles Oliveira, paulista e civil,

colocado à frente dos negócios públicos de Nossa Terra, pela unanimidade de seus elementos mais representativos de nossa gente bandeirante". "Em traços gerais, cabe-nos consignar que o salão do Municipal regorgitava, ostentando artística ornamentação. Do lustre central e globos laterais derramava-se profusamente intensa e rebrilhante luz, com projeções focalizadas sobre os pares, que se extasiavam nos volteios de uma valsa ou nas evoluções dos foxes e maxixes, pondo em destaque toda a elegância das vistosas toilettes que o donaire das senhoras e a garridice das senhorinhas ainda mais realçavam".

Nunca se cansou de elevar Campinas, a terra dos seus encantos; aqui nasceu; aqui constituiu seu lar e sua família; aqui adormeceu para a eternidade, acolhido no seio amoroso da terra querida de sua Campinas. Em seu livro precioso do passado campineiro, descreveu-a quando florescia pelo meado do século passado, com o desabrochar das flores do seu baírrismo, figurando um olhar perquiridor lançado do alto do atual Liceu:

"Lá à esquerda, bem no alto de Santa Cruz, em destaque de branca claridade, engalanada como para um noivado, defrontava-se a saudosa capelinha, tão cheia de encantos, de gratas recordações, com as suas alvíssimas paredes. Cá em baixo o sobrado do Mascarenhas, essa massa enorme, que tão rijamente, ainda hoje, resiste à inclemência dos tempos. Mais além, o sobrado do Franco, colocado à mesma linha que a nossa tradicional e sempre querida Matriz Velha, a Cadeia, o colossal sobrado de dona Teresa, o esguio sobradinho de dois andares, ali na rua Direita, o teatro São Carlos, os altos taipais da nossa Matriz Nova, na sua cor escura, um tanto avermelhada, pois as paredes não tinham ainda sido revestidas de reboco".

— x x x —

Se é com a saudade que hoje queremos homenagear Rafael Duarte, a temos agora, intensamente. Perdoem-nos o desalinho do nosso dizer que é mesmo como a saudade e a lembrança daquela figura honrada e culta, que muito nos impressionou nos alvares da nossa juventude; a saudade não tem bitola, não se ordena, voa ao sabor da recordação nos tumultos de uma memória cara.

(Oração proferida em sessão de homenagem da Academia Campinense de Letras).